

A EXPRESSÃO “POLITICAMENTE INCORRETO” NA MÍDIA BRASILEIRA: ORIGENS E USOS DE UM CORINGA ARGUMENTATIVO

RAFAELA TAVARES TONELA¹, DIEGO FIGUEIRA²

¹ Aluna do Curso Técnico em Eletrônica Integrado ao Ensino Médio, Discente voluntária PIVICT, IFSP, Câmpus Campinas, rafaelatavarestonela@gmail.com

² Professor de Língua Portuguesa/Espanhol, IFSP, Câmpus Campinas, diego.figueira@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.01.01.00-3 Teoria e Análise Linguística

Apresentado no

10º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP ou no 4º Congresso de Pós-Graduação do IFSP

27 e 28 de novembro de 2019- Sorocaba-SP, Brasil

RESUMO: Este projeto se propõe a estudar a expressão “politicamente incorreto” na mídia brasileira, sua origem, usos e modos de circulação. Esta expressão, surgida como resposta à ideia de politicamente correto, encontra-se já bastante difundida em jornais, programas televisivos, na publicidade, no humor e até mesmo nos campos político e educacional. Esse termo se apresenta, segundo Gruda (2016), como um rótulo para um discurso que, em tese, não faria concessões ou respeitaria quaisquer limites impostos pelo corpo social em favor de minorias. Contudo, muitas vezes o politicamente incorreto se transforma em um discurso de ataque a esses mesmos grupos e aos que defendem tais limites nas esferas política, cultural, artística e educacional. Consideramos que a expressão “politicamente incorreto” pode ser analisada como uma fórmula discursiva, conforme descrita por Krieg-Planque (2010) e que pode funcionar como uma espécie de coringa argumentativo que habilita o enunciador a emitir opiniões criticáveis num contexto politicamente correto. Assim, valendo-nos do referencial teórico da Análise do Discurso francesa e de contribuições da Linguística Textual, buscamos compreender como as ocorrências dessa fórmula cristalizam determinados posicionamentos ideológicos do cenário discursivo brasileiro, que muitos apontam como politicamente polarizado em torno de direitos sociais de minorias e liberdade de expressão.

PALAVRAS-CHAVE: politicamente incorreto, análise do discurso, discurso político, discurso das mídias, fórmulas discursivas, ethos discursivo.

THE EXPRESSION “POLITICALLY INCORRECTNESS” IN BRAZILIAN MEDIA: ORIGINS AND USES OF A ARGUMENTATIVE TRUMP

ABSTRACT: This project aims to study the expression “politically incorrectness” in the Brazilian media, its origin, uses and modes of circulation. This expression, which arose in response to the idea of political correctness, is already widespread in newspapers, television shows, advertising, humor, and even in the political and educational fields. This term is presented, according to Gruda (2016), as a label for a discourse that, theoretically, would not make concessions or respect any limits imposed by the social body in favor of minorities. However, the politically incorrectness often becomes a discourse of attack on those same groups and those who defend such limits in the political, cultural, artistic and educational spheres. We consider that the term “politically incorrectness” can be analyzed as a discursive formula, as described by Krieg-Planque (2010) and may work as a kind of argumentative joker that enables the enunciator to cast criticizable opinions in a context of political correctness. Thus, drawing on the theoretical framework of French Discourse Analysis and contributions from Textual Linguistics, we seek to understand how the occurrences of this formula crystallize certain ideological positions of the Brazilian discursive scenario that many point to as politically polarized around minority social rights and freedom. of expression.

KEYWORDS: politically incorrectness, discourse analysis, political speech, discourse of mídia, discursive formula, discursive ethos.

INTRODUÇÃO

O fenômeno do “politicamente correto” já se encontra estabelecido no Brasil e no mundo pelo menos desde a década de 1990, sendo motivo de análises e reflexões tanto na mídia quanto na esfera acadêmica por diferentes disciplinas e áreas do conhecimento. O linguista Sírio Possenti afirma que o politicamente correto busca “tornar não marcado o vocabulário (e o comportamento) relativo a qualquer grupo discriminado” (POSSENTI, 1995, p. 125).

Possivelmente como resposta ao movimento do politicamente correto, ganhou força em anos recentes um uso particular da expressão “politicamente incorreto”. Ao contrário do que se poderia supor, essa expressão aparece muito mais como um rótulo reivindicado pelo próprio sujeito que quer posicionar-se como avesso à normatização politicamente correta, que é caracterizada como “limitação da liberdade de expressão” e uma espécie de “ditadura”.

O objetivo desse trabalho é investigar as origens, usos e modos de circulação desse sintagma na mídia brasileira. A hipótese que trazemos para esta pesquisa é que expressão “politicamente incorreto” ganhou força a partir da acentuação dos debates em torno de direitos de minorias, políticas sociais e ações afirmativas promovidas pelo governo do Partido dos Trabalhadores (PT) iniciado em 2003. Para isso, nos valem dos estudos em Análise do Discurso de linha francesa, especialmente as noções de fórmula discursiva (Krieg-Planque, 2010) e *ethos* discursivo (Amossy, 2005). Consideramos que o termo “politicamente” presente em ambas das expressões acaba por ser interpretado no seu sentido partidário e a correção ou incorreção são tomadas a partir da concordância ou discordância com as políticas sociais propostas nesse período da história do País.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa, que ainda se encontra em desenvolvimento, iniciou-se com o levantamento e a revisão da bibliografia teórica que trata das questões referentes aos gêneros textuais, sua definição e caracterização, bem como procedimentos de análise para essa abordagem da linguística. Também foram feitas leituras sobre a origem e objetos de estudos da Análise do Discurso e seu lugar dentro dos estudos da linguagem, bem como das noções dessa disciplina mobilizadas nesse trabalho, como fórmula discursiva, formação discursiva e *ethos* discursivo. A etapa de revisão bibliográfica se conclui com as obras teóricas que tratem especificamente dos usos das expressões “politicamente correto” e “politicamente incorreto” nos diferentes contextos da mídia brasileira.

De forma paralela, ocorreu a fase de coleta e organização do *corpus* a partir de textos em que aparece a expressão “politicamente incorreto” e suas variações. Essa coleta foi realizada na base de dados do jornal Folha de São Paulo e optamos por selecionar apenas ocorrências da edição impressa, as quais foram classificadas por editoria e por ano de publicação. Também foram coletados textos que problematizem a circulação dessa expressão e que façam um paralelo entre ela e seu aparente oposto que é a expressão “politicamente correto”. Buscou-se coletar um conjunto significativo dessa produção com base no alcance e/ou popularidade das fontes em que ela é publicada.

Uma vez coletado e organizado o material, a análise seguiu a metodologia de trabalho da Análise do Discurso de orientação francesa com algumas contribuições da Linguística Textual no que se refere à descrição e interpretação dos textos selecionados. Trata-se de pesquisa de caráter qualitativo que busca descrever e analisar características linguísticas verbo-visuais de textos selecionados a partir de marcas que apontem para a materialização nesses textos de posicionamentos ideológicos observados na sociedade.

Nossa análise se orienta principalmente pelo método proposto por Krieg-Planque (2010) para identificação, verificação e análise das fórmulas discursivas a partir dos critérios de gênese da forma, circulação, cristalização e processo de aceitabilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O discurso, segundo os estudos da linguagem, é produto da interação social e histórica entre os sujeitos que se dá no contexto em que ele é (re)produzido. Essas duas variantes também são determinantes de como tal discurso é interpretado e das respostas ao mesmo. Segundo Brandão (2004) o discurso é “o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos”. Portanto, encontramos no discurso a combinação de diferentes fatores externos à linguagem moldando a sua manifestação, sua recepção e modos de circulação. Ao caracterizarmos as particularidades que condicionam um discurso podemos entender seus usos, seus significados e sua origem. Podemos ainda nos perguntar como os usos e sentidos de um texto se situam no cenário discursivo atual e como eles podem afetar o espaço social e político a partir da reprodução de certos discursos, por exemplo quanto à perpetuação do poder de uma classe dominante.

Isso é o que se observa, no atual cenário discursivo brasileiro, em relação aos discursos do politicamente correto (PC) e do politicamente incorreto (PI). Ambos circulam há pelo menos três décadas na mídia e em alguns espaços de discussão pública, embora, inicialmente, a expressão “politicamente incorreto” apareça de forma subentendida, já que para existir algo politicamente correto, deve haver alguma outra coisa que não seja. Para que ocorra a discussão sobre o politicamente correto é imprescindível assumir a existência de discursos politicamente incorretos e, por consequência, a existência de termos cujo emprego traz conotações negativas e/ou repressoras. Tais termos são interpretados como incorretos para os padrões éticos ou morais de uma determinada sociedade, contrariando certos tipos de mudanças sociais, especialmente quanto à percepção de certos grupos identitários. Os esforços para adequar a linguagem a essa nova sensibilidade social refletem a intenção de levar essa mudança para o espaço social de maneira mais profunda, consolidando os avanços sociais pretendidos.

Os debates (e embates) sobre o politicamente correto e a reação politicamente incorreta apontam para o modo como o espaço público é permeado por questões que se cristalizam em sintagmas de grande circulação. Esses sintagmas, quando apresentam certas características, compõem o Krieg-Planque chamado de fórmula discursiva. A dimensão do espaço público de cada fórmula e das respectivas questões sociais nela cristalizada, varia em cada caso, como a própria autora afirma, dizendo que o espaço público pode ser

mais ou menos fragmentado, mais ou menos conflituoso, o espaço público não existe independentemente do princípio de publicidade por meio do qual os atores compartilham pontos de vista, expõem suas opiniões em praça pública, tornando-as, desse modo, visíveis a quaisquer pessoas, alimentando, assim, a possibilidade de um debate público e contraditório de suas opiniões (...) O espaço público é configurado pelos procedimentos de publicização que tornam possível o estado político, sociológico e técnico de uma determinada sociedade. (Krieg-Planque, 2010: 114-15)

O politicamente correto e o politicamente incorreto variam quanto a sua classificação dependendo de onde são reproduzidos, em que momento e por quem. Desse modo, é necessário analisar tudo que atravessa um determinado enunciado para assim classificá-lo como manifestação de um, de outro ou de nenhum movimento. Como apontam Possenti & Baronas (2006), apenas em uma sociedade racista é possível considerar uma expressão como “denegrir” uma expressão racista.

Scabin analisa as ocorrências da expressão no jornal Folha de São Paulo e propõe uma divisão em três momentos a partir de 1990 e, referindo-se ao terceiro momento compreendido de 2000 a 2010, afirma

A categoria “politicamente correto” deixa de se referir a uma forma de conduta genérica, estilo de vida ou comportamento “civilizado”, e passa a representar um modo de fazer política. Ao lado da ideia de assunção de uma bandeira política, a expressão em foco adquire contorno ideológico mais preciso. Tornam-se cada vez mais frequentes textos sobre iniciativas de movimentos e organizações sociais, políticas afirmativas, processos judiciais contramanifestações consideradas “politicamente incorretas” e iniciativas governamentais em nome dos direitos humanos. (SCABIN, 2017. p. 275)

É com base nessa observação de Scabin sobre a particularidade do uso da categoria “politicamente correto” nos anos 2000 e considerando o crescimento das ocorrências de “politicamente

incorreto” no mesmo período que fundamentamos a hipótese de que esses dois movimentos estão ligados a partir da acentuação dos debates em torno de direitos de minorias, políticas sociais e ações afirmativas promovidas pelo governo do Partido dos Trabalhadores (PT) iniciado em 2003. Esse fato da política partidária brasileira seria o marco de referência para o que hoje se convencionou chamar de “polarização política” do País, que se dá em grande parte em torno dessas questões sociais, por vezes tomadas como bandeiras de determinados partidos políticos.

Nessa distribuição de posicionamentos ideológicos, pode-se dizer que o termo “politicamente” presente em ambas das expressões acaba por ser interpretado no seu sentido partidário e a correção ou incorreção são tomadas a partir da concordância ou discordância com as políticas sociais propostas nesse período da história do País. Assim, analisar a evolução dos usos dessa expressão é uma forma de compreender como esse debate vem acontecendo e que discursos vêm sendo mobilizados nesse debate.

Um dos principais expoentes da expressão “politicamente incorreto” é a coleção de livros “Guia Politicamente”, que já teve volumes dedicados à História do mundo, História do Brasil, América Latina, Filosofia etc. Na quarta capa do *Guia Politicamente Incorreto da Economia Brasileira*, de autoria de Leandro Narloch, se lê:

“Se amanhã você acordar com a estranha decisão de prejudicar os trabalhadores brasileiros, espalhar a miséria e a corrupção e aproximar o país do Apocalipse, saiba que assim estará lado a lado com diversas das leis e medidas econômicas que o governo pratica todos os dias – e que têm como apoiadores ativistas corretos e políticos bem-intencionados. **O bom mocinho é o maior vilão da economia brasileira.** Foi com a intenção de desmascará-lo que nasceu este livro – **um guia contra as vacas sagradas do discurso econômico politicamente correto.** Ao revelar os clichês econômicos repetidos diariamente por quem se considera herói contra a opressão, a desigualdade de renda e a insegurança da indústria nacional, Leandro Narloch mostra que é justamente por meio desses argumentos enganosos que perpetuamos o freio do desenvolvimento e do enriquecimento da população.” (NARLOCH, 2015, quarta capa, grifos nossos)

O texto de apresentação da obra, presente na quarta capa, portanto com o objetivo de atrair o interesse de um futuro leitor, seja na livraria ou outro espaço, faz uma associação muito direta entre o discurso politicamente correto e um “bom mocinho” que seria o maior vilão da economia brasileira. Dizendo que várias ações para prejudicar os trabalhadores brasileiros correspondem a leis e medidas econômicas que o governo (do ano de 2015) “pratica todos os dias”, o livro se apresenta como algo que irá desmascarar falsos heróis nacionais. O texto ainda trata como argumentos enganosos expressões que são facilmente associadas a pautas de partidos e movimentos políticos de esquerda (luta contra a opressão e desigualdade de renda).

Na capa, uma ilustração retrata diversos personagens do cotidiano econômico brasileiro (donas de casa, operários, empresários, fiscais, diversas categorias de trabalhadores formais e informais), a maioria representada de forma muito genérica, sem nenhum elemento que os associe a um determinado posicionamento político. Alguns poucos podem ser identificados como um membro do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra; um portador de cartão do Programa Bolsa-Família com feições nordestinas e roupas pobres (bermuda, camiseta regata e chapéu de couro); um homem barbudo, camiseta vermelha com um megafone; um jovem negro com um mostrador de relógios que parece ser um vendedor ambulante. Essa identificação de alguns poucos personagens com um posicionamento político mais definido, não ocorre com outras figuras, como o empresário e outros caracterizados por homens brancos na ilustração.

CONCLUSÕES

Os usos da expressão “politicamente incorreto” encontrados na base de dados do jornal Folha de S. Paulo desde 1997 podem ser divididos em dois conjuntos: um uso polêmico e um uso não polêmico. Os usos não polêmicos incluem declarações em que se critica a normatização politicamente correta, mas sem atacar os grupos sociais associados a essa conduta em relação à linguagem. Já os usos polêmicos “denunciam” a “patrulha ou ditadura do politicamente correto” e reivindicam uma liberdade de expressão que inclua o direito de ofender, normalmente sob o pretexto de ser “provocativo” em nome do debate de ideias.

Nos casos em que ocorre o uso polêmico, o sintagma “politicamente incorreto”, além de ser uma fórmula discursiva que cristaliza e sinaliza um dado posicionamento ideológico, aparece como o indicativo de um *ethos* discursivo, um modo de enunciar caracterizado por uma postura agressiva não apenas por sustentar opiniões polêmicas, mas também por expressar de maneira pouco polida ou até violenta para os padrões da mídia e da política tradicional, com usos de palavrões e insultos além dos que são criticados pela corrente politicamente correta. O alvo dessa atitude pode ser tanto algum dos grupos sociais minoritários quanto a própria esquerda política em geral, enquanto representante do discurso de igualdade social que supostamente sustenta a conduta do politicamente correto.

O termo “politicamente” presente nos dois sintagmas é tomado em seu sentido relacionado à atividade política partidária, de modo que ser politicamente correto ou incorreto tem a ver com estar alinhado com a política de governo do partido que ocupa o poder. Essa confusão entre um movimento social politicamente correto, com suas propostas de ações afirmativas, de inclusão e atenção a minorias, e o governo de um partido de esquerda na presidência da República, fez com que também se misturassem a crítica política, a oposição partidária e costumes incompatíveis com a conduta politicamente correta. Dessa outra confusão, resultou um novo modo de enunciar, tanto na mídia tradicional quanto nas novas mídias, a que chamado de *ethos* politicamente incorreto e que traz para instâncias mais formais algo que antes estava restrito a um domínio da fala mais pessoal.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. N. Introdução à Análise do Discurso. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 1995.
- GRUDA, M. P. P. O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo. 2015. 181 f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.
- KRIEG-PLANQUE, A. A noção de “fórmula” em Análise do Discurso: quadro teórico e metodológico. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.
- MAINGUENEAU, D. Análise de textos de comunicação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. Doze conceitos em Análise do Discurso. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2010.
- MORATO, E., & BENTES, A. C. “O mundo tá chato”: algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem. Revista USP, (115), 11-28, 2017.
- MOTTA, A. R.; SALGADO, L. Fórmulas discursivas. São Paulo: Contexto, 2011.
- POSSENTI, S. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 125-142, 1995. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/1016/1127>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- POSSENTI, S.; BARONAS, R. L. A linguagem politicamente incorreta no Brasil: uma língua de madeira?. Polifonia, Cuiabá, v. 12, n. 2, p. 47-72, 2006.
- SCABIN, N. L. C. As disputas em torno da categoria “politicamente correto” no debate público: análise discursiva de matérias da Folha de S.Paulo. RUMORES (USP), v. 11, p. 269-286, 2017.
- _____. Politicamente correto, uma categoria em disputa. 1ª. ed. Curitiba: Appris, 2018.
- SOARES, L. E. Politicamente correto: o processo civilizador segue seu curso. In: PINTO, P. R.; MAGNO, C.; SANTOS, E. P.; GUIMARÃES, L. (Orgs.). Filosofia analítica, pragmatismo e ciência. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, pp. 217-238.